

## A CRIAÇÃO DA (INTER)SUBJETIVIDADE NUM PROCESSO ANALÍTICO

Rosa Beatriz Santoro Squeff

Entendemos por psicanálise um método de investigação que consiste na busca do significado inconsciente dos pensamentos, das emoções, das palavras, das ações, dos desejos e das fantasias de um indivíduo. Esse método baseia-se, principalmente, nas associações livres, que são a garantia da validade das interpretações emitidas pelo analista, que se mantém em atenção flutuante. O objetivo é trabalhar com a subjetividade do paciente, ou seja, aquilo que é peculiar de cada um.

Na clínica contemporânea, cada vez mais somos procurados por pessoas que apresentam transtornos em que mostram uma pseudo Adaptação e uma predominante relação com o mundo externo e com o concreto, com pouquíssima capacidade de refletir sobre si mesmos. Denotam uma grande dificuldade para associar livremente e uma precariedade de pensamento simbólico.

No início da vida, todos os acontecimentos que ocorrem com o bebê e seus objetos vão se agregar a um núcleo herdado e estruturar a sua subjetividade, articulando-se o corpo, os afetos e o pensamento.

As experiências emocionais e corporais, amparadas pelo suporte ambiental, se traduzem em vivências que iniciam uma representação psíquica. Assim vai se formando o ego que, aos poucos, através também das identificações, vai se unificando e dando sentido à sua existência, construindo uma história com experiências prazerosas e desprazerosas. As novas vivências vão sendo absorvidas ao longo da vida por essa integração originária.

Quando ocorrem falhas significativas na organização desse ego (Freud diria que este bebê não chegou a ser *Sua majestade o bebê*, Bion diria que esse bebê não teve uma mãe com *rêverie* e Winnicott

diria que essa mãe não foi suficientemente boa) uma das conseqüências pode ser o transtorno de personalidade, destinado a uma função protetora e defensiva que fica inerte e cristalizado. A subjetividade origina-se, estrutura-se e constitui-se na intersubjetividade, na díade mãe/bebê. Falhando essa função, o indivíduo não se beneficia através da experiência e da cultura, construindo assim uma pseudosubjetividade, convencional e estereotipada. São as *patricinhas* que supermaquiadas disfarçam o seu mundo interno caótico e vazio, são as anoréticas e as obesas que beiram o limite entre a vida e a morte. São os homens que, através do grito e da força, ou do carro do ano, querem mostrar seu poder, exibindo uma pseudomasculinidade.

Essas pessoas não conseguiram alcançar uma mentalização de seus impulsos, não construíram um espaço psíquico que pudesse conter a ação. Precisam descarregar e despejar diretamente no externo pela pouca capacidade de elaboração e aprendizagem. A maquiagem, o autoritarismo e a riqueza material servem para compensar a pobreza psíquica.

Também o sexual mostra-se com outra roupagem. A excitação provém das imagens, das revistas, dos filmes eróticos em detrimento das emoções e da intimidade. São os casos de perversão e de promiscuidade decorrentes da incapacidade de aceitar a castração e as diferenças. O parceiro pode ser qualquer um, não é necessário um vínculo afetivo.

Esses pacientes mostram uma avidez por tudo que é rápido, superficial e atual, pois há um vazio na sua subjetividade que precisa ser preenchido a qualquer preço. Atitudes violentas ou por demais passivas podem predominar nas relações, uma vez que falta empatia e integração emocional.

Na cultura atual, esses sujeitos não destoam muito dos demais na sociedade. O valor está muito mais no que é descartável, no corpo esbelto, no que é passageiro, do que naquilo que exige tempo, reflexão e elaboração. Essas pessoas buscam tratamento por uma dor narcísica, às vezes desencadeada por um divórcio complicado, por um

fracasso econômico, por transtornos somáticos ou por um vazio infinito, mas com o principal objetivo de mudar o mundo, o externo.

Frente a essa desorganização, a essa fragilidade de ego e a essa falta de subjetividade nos perguntamos: esse paciente é analisável? Se seguirmos aquilo que é imutável na psicanálise – o compromisso com o sofrimento humano - podemos dizer que sim.

Esses pacientes nos fazem repensar conceitos da técnica que estavam antes muito bem estabelecidos como a *neutralidade*, a *relação assimétrica*, e *o analista como uma tela em branco*. A psicanálise deixa de ser a análise de uma história do paciente para ser a análise de uma relação, de um vínculo: analista e paciente. O desafio fica lançado: a díade precisa ser revivida.

Através de um processo psicanalítico, o analista pode oferecer-se como objeto e propiciar um espaço de escuta para integrar o que está dissociado, conter a descarga agressiva, buscar o verdadeiro, estabelecer as diferenças e assim possibilitar construir o subjetivo nesse sujeito.

Ogden, em seu estudo sobre o mecanismo da identificação projetiva, ressalta a necessidade do analista de analisar a contratransferência como instrumento para detectar o que o paciente introduziu em sua mente e determina o seu funcionamento naquele momento. Num sofrimento mental grave em que as situações não podem ser recordadas nem simbolizadas, mas somente revividas na análise como uma experiência atual, a leitura da dor da contratransferência é fundamental. A interpretação, o *holding* de Winnicott e a *rêverie* de Bion são importantes, mas não suficientes. Salim (2005) coloca que o equilíbrio emocional do analista é essencial porque ele tem uma linguagem sensorial que conduz à confiança. Permite a restauração do que foi rompido com as falhas ocorridas. Certamente que ninguém tem a pretensão de curar todos os núcleos de uma patologia, pois muitas feridas talvez nunca sejam cicatrizadas, mas algumas transformações são possíveis: da ação para o pensamento, do desejo para o sonho, do concreto para o simbólico, da dor para a criação.

Portanto, um trabalho psicanalítico que tem como desafio construir um psiquismo exige muito tempo, muita tolerância, muita paciência e uma ampla capacidade do analista de analisar-se a si próprio. Essas considerações ressaltam a credibilidade na psicanálise e reforçam a necessidade do clássico tripé na formação do psicanalista: o estudo teórico, a supervisão e a (re)análise pessoal. Mesmo com o passar de muitos anos esse continua sendo o suporte para sustentar o labor psicanalítico na clínica contemporânea.